



VOL.7 | N. 14 | JUL/DEZ DE 2021 | ISSN 2359-4489

DIPLOMACIA PATRIMONIAL:  
O PATRIMÔNIO CULTURAL  
COMO MEDIADOR DAS  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## Na Flanerie pela cidade, os cheiros nos consomem: memórias olfativas em torno da cidade de Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990

*In Flanerie throughout the city, the smells consume us: olfactory memories around the city of Picos-PI in the 1980s and 1990s*

*En Flanerie por toda la ciudad, los olores nos consumen: recuerdos olfativos de la ciudad de Picos-PI en los años 80 y 90*

Nayara Gonçalves de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as memórias olfativas construídas em torno da cidade de Picos-PI pelos seus habitantes no período que compreende as décadas de 1980 e 1990. A pesquisa foi construída com base em variadas fontes, que incluem entrevistas orais, os jornais Macambira e Jornal de Picos e o Código Municipal de Posturas. A análise dessas fontes e as discussões presentes no trabalho contaram com o referencial teórico de diversos estudiosos, o qual destaco os mais relevantes: Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Carlos (2007), Michel de Certeau (2008) e Roberto Corrêa (2007) para as questões de cidades; Sandra Pesavento (2007), Alain Corbin (1987), Milena Kanashiro (2003), Palmira Ribeiro e Nadja Santos (2018) para as questões das sensibilidades urbanas; Jeane Gagnebin (1998), Jacy Seixas (2004), Márcio Silva (2008), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollack (1989), Paul Ricouer (2007), Ecléa Bosi (2003) e Francisco Nascimento (2002) para as questões de memória; Sônia Freitas (2006), José Carlos Meihy (1996) e Verena Alberti (2004) para as compreensões acerca da história oral.

**Palavras-chave:** Memórias Olfativas. Sensibilidades Urbanas. Picos-PI.

**Abstract:** This paper aims to discuss the olfactory memories that were built around the city of Picos-PI by its inhabitants, in the period comprising the 1980s and 1990s. The research was built based on various sources, which include interviews oral, the Macambira and Jornal de Picos newspapers and the Municipal Posture Code. The analysis of these sources and the discussions present in the work relied on the theoretical framework of several scholars, which I highlight the most relevant: Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Carlos (2007), Michel de Certeau (2008) and Roberto Corrêa (2007) for city issues; Sandra Pesavento (2007), Alain Corbin (1987), Milena Kanashiro (2003), Palmira Ribeiro and Nadja Santos (2018) for questions of urban sensibilities; Jeane Gagnebin (1998), Jacy Seixas (2004), Márcio Silva (2008), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollack (1989), Paul Ricouer (2007), Ecléa Bosi (2003) and Francisco Nascimento (2002) for the questions from memory; Sônia Freitas (2006), José Carlos Meihy (1996) and Verena Alberti (2004) for the understandings about oral history.

**Keywords:** Olfactory memories. Urban Sensitivities. Peaks-PI.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História do Brasil no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (UFPI). E-mail: nayaragonc2016@gmail.com

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir las memorias olfativas que fueron construidas en torno a la ciudad de Picos-PI por sus habitantes, en el período comprendido entre las décadas de 1980 y 1990. La investigación se construyó a partir de diversas fuentes, entre las que se incluyen entrevistas orales, las de Macambira y Jornal de Periódicos de Picos y Código de Postura Municipal. El análisis de estas fuentes y las discusiones presentes en el trabajo se basaron en el marco teórico de varios académicos, de los cuales destaco los más relevantes: Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Carlos (2007), Michel de Certeau (2008) y Roberto Corrêa. (2007) para cuestiones de la ciudad; Sandra Pesavento (2007), Alain Corbin (1987), Milena Kanashiro (2003), Palmira Ribeiro y Nadja Santos (2018) para cuestiones de sensibilidades urbanas; Jeane Gagnebin (1998), Jacy Seixas (2004), Márcio Silva (2008), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollack (1989), Paul Ricouer (2007), Ecléa Bosi (2003) y Francisco Nascimento (2002) para las preguntas de memoria; Sônia Freitas (2006), José Carlos Meihy (1996) y Verena Alberti (2004) por los entendimientos sobre la historia oral.

**Palabras clave:** Recuerdos olfativos. Sensibilidades urbanas. Peaks-PI.

\*\*\*

Ao centro-sul piauiense, entre grandes montes picosos, localiza-se a cidade de Picos-PI. Esta urbe, que atualmente se apresenta como fragmentada e articulada, atende a muitos anseios de sua microrregião e conta, segundo os dados divulgados no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>, com uma população estimada em aproximadamente 78.431 habitantes, distribuídos em uma área de 577.304 km<sup>2</sup>. A referida cidade constitui-se no principal entroncamento rodoviário do Nordeste, ligando o Piauí aos estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia, e destaca-se nacionalmente por possuir o terceiro maior PIB do Estado, ficando atrás apenas da capital Teresina e da cidade de Parnaíba.

De acordo com a hipótese mais conhecida e aceita pelos cidadãos picoenses<sup>3</sup>, os primeiros indícios de povoamento dessa região datam do século XVIII, sob influência das fazendas de gado às margens do rio Guaribas<sup>4</sup> de propriedade do português Félix Borges Leal que veio da Bahia para esta cidade. Por ser uma área considerada fértil para o desenvolvimento de atividades agrícolas, pecuárias e, mais tarde, do comércio, a cidade de

---

<sup>2</sup> IBGE, censo 2010. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>>. Acesso em 19 out. 2020.

<sup>3</sup> De acordo com a historiadora Mara Gonçalves de Carvalho, existem diversas discussões a respeito do processo de povoamento da cidade de Picos. Há quem defenda que foram os habitantes das fazendas Sussuapara e Samambaia, que idealizaram fundar um povoado na margem direita do rio Guaribas, que ficava rodeado de grandes montes picosos. No entanto, segundo a referida historiadora, a hipótese mais difundida e aceita pelos picoenses é a de que Picos teve origem a partir de Bocaina, que no século XVIII era ligada a Oeiras, então capital do Piauí.

<sup>4</sup> Esse rio, além de ser considerado o ponto principal da economia da cidade, na segunda metade do século XX, também era considerado um ponto de lazer e um local favorável para o desenvolvimento de algumas práticas sociais. Para maiores informações, confira a Dissertação de Mestrado *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960* de Karla Íngrid Pinheiro Oliveira.

Picos recebeu imigrantes de distintas naturalidades, dentre as quais se destacam a portuguesa e a italiana.

Assim, a fixação dos portugueses e italianos em determinadas áreas, que atualmente constituem o centro da referida urbe, e a implantação de novas técnicas agrícolas junto a outros fazendeiros que já habitavam a região, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da economia local, pois se negociavam entre comerciantes de diferentes regiões e estados produtos específicos, dentre os quais se destacavam a borracha da maniçoba, o algodão, o couro e a cera de carnaúba.<sup>5</sup>

Pessoas de todas as idades que circulam diariamente pelo município concebem-no, na maioria das vezes, como uma referência em termos de desenvolvimento, pois sentem-se contempladas em diversos segmentos, como na área da saúde, educação, geração de empregos, entre outros. Embora essa seja a primeira interpretação que temos deste espaço na contemporaneidade, nossa investigação histórica apontou outras (re) leituras.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a cidade retromencionada por ser, em grande medida, provinciana e possuir uma densidade demográfica bem inferior à atual, configurava-se como um lugar considerado tranquilo para se viver e frequentar. Essa descrição memorialística, que aparece frequentemente nas lembranças fragmentadas dos antigos habitantes, nas poesias, hinos etc., se opõe ao discurso atual, não partindo, no entanto, de inquietações particulares, mas é frutos da coletividade<sup>6</sup>, isto é, resultado do sentimentalismo que os sujeitos, vivendo em sociedade e em diferentes grupos, carregam consigo.

Socializar assim nas lembranças a imagem de algo que não mais podemos observar no momento, dando a ver, deste modo, uma ausência, constitui um dos principais desafios que nós historiadores enfrentamos enquanto sujeitos considerados detentores do olhar argucioso. Parafraseando o pensamento da historiadora e escritora brasileira Sandra Jatahy Pesavento, que concebe a cidade como um palimpsesto<sup>7</sup> e um enigma que precisa ser decifrado, compreendemos que muitos mais de que construir representações sobre o passado, precisamos

---

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre a História e o desenvolvimento da cidade de Picos, confira a Dissertação de Mestrado em História do Brasil *Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)* de Mara Gonçalves Carvalho.

<sup>6</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

<sup>7</sup> Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na Idade Média). Informações disponíveis em: <<https://www.dicio.com.br/palimpsesto/>>. Acesso em: 26 de dezembro, 2020.

fazer lembrar, fixar imagens e desvelar sentidos, estabelecer as correspondências, continuidades e descontinuidades.<sup>8</sup>

No período supracitado (1980 e 1990), recorte temporal escolhido para este estudo, a urbe Picos, sob o ponto de vista de seus habitantes, se configurava como uma cidade que, embora se expandisse territorialmente e marchasse rumo a um suposto desenvolvimento, com a instalação de indústrias e fábricas que prometiam impulsionar a economia local, deixava a desejar no seu aspecto urbanístico, este que era, principalmente, um problema de saúde pública, como veremos mais adiante.

Sob essa perspectiva, faz-se mister compreender as diferentes nuances entre a teoria, ou seja, o discurso pregado pelos governantes acerca da cidade em termos de infraestrutura, e a sua deplorável realidade, apresentada por quem convivia diariamente com o referido espaço urbano e, assim, escrevia para os veículos de comunicação mais utilizados na época: os jornais, e/ou nos relatos em forma de entrevistas orais.

Em relação as fontes mencionadas anteriormente, acessamos os jornais *Macambira*<sup>9</sup> e o *Jornal de Picos*<sup>10</sup>, em matérias específicas das referidas décadas que tratassem do tema abordado e que, assim, pudessem responder algumas das nossas indagações. O primeiro deles é de arquivo pessoal e o segundo encontra-se disponível de forma impressa na sede do próprio jornal na cidade de Picos.

Também realizamos pesquisas na Internet, através do site de busca Google. Neste encontramos o Código Municipal de Posturas, digitalizado e disponível para download.<sup>11</sup>

Outro momento da investigação, consistiu na realização de entrevistas com sujeitos que vivenciaram o cotidiano da cidade e que, portanto, têm diferentes experiências com o

---

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira História*, v. 27, n. 53, 2007.

<sup>9</sup> Fundado em 22 de dezembro de 1975, através da atuação do Projeto Rondon, e de denominação sugerida pelo picoense Ozildo Albano, o jornal picoense *Macambira* circulou entre as décadas de 1970 e 1980, funcionando na sede do *Campus* Avançado de Picos da Universidade Federal do Piauí, localizado no Bairro Junco. Tinha como redatores e colaboradores, alunos do curso de jornalismo oriundos de Goiás, sendo eles: Prof. José Ubiratan de Moura, Carlos II Rodrigues, Edilena de Barros Velasco, Jurivô do S. Santos Cruz, Iolanda Gonçalves Lopes e Ilza Garcia Silva.

<sup>10</sup> Lançado em 21/07/1982, na sede do Rotary Clube, com a presença de muitos picoenses, o *Jornal de Picos* surgiu como uma iniciativa do radialista Erivan Lima e uma equipe composta dos idealizadores Durvalino Leal, José Aristides de Carvalho Neto, João Batista de Barros (repórteres e redatores); José Albano de Macêdo (professor Ozildo Albano), Gilberto Francisco dos Santos, Enéas Leal, José Gilson das Chagas, Odorico Leal de Carvalho, Demóstenes Duarte, e Maria do Socorro Costa (Colunistas). O referido jornal se apresentava como um veículo de comunicação inovador, eficiente e aberto para as divulgações de notícias referentes ao cotidiano e acontecimentos de Picos e macrorregião. Atualmente produz conteúdo jornalísticos de forma *online*, com atualizações diárias.

<sup>11</sup> O documento pode ser acessado em: <<http://www2.picos.pi.gov.br/juridico/2014/10/lei-1465-1987-codigo-de-postura/>>.

espaço urbano. Primeiramente, elaboramos um roteiro amplo de entrevistas. Posteriormente, adotamos um roteiro com questões mais específicas, no qual dividimos, dessa maneira, as perguntas em 4 grupos, a partir dos temas abordados, objetivando respostas para as nossas indagações. Nos embasamos, nesse sentido, no pensamento da historiadora Sônia Maria de Freitas, que considera que “uma entrevista sem roteiro, tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa”.<sup>12</sup>

Desse modo, estabelecemos como critério de seleção dos sujeitos da pesquisa que estes tivessem vivido em Picos, durante as décadas de 1980 e 1990, e possuíssem entre 15 a 20 anos de idade. Porque acreditamos que geralmente os jovens, nessa transição para a vida adulta, experimentam diferentes realidades, levando em consideração, sobretudo, o meio em que estão inseridos e por isso têm uma maior probabilidade para memorizar e compreender os acontecimentos à sua volta.

No que concerne as discussões presentes no trabalho, estas contaram com o referencial teórico de autores que discutem as temáticas cidades e história, memória, sensibilidades urbanas e história oral. Na primeira categoria destacamos: Raquel Rolnik<sup>13</sup>, Ana Fani Carlos<sup>14</sup>, Michel de Certeau<sup>15</sup>, Roberto Corrêa<sup>16</sup>. Cada um destes autores, à sua maneira, nos fez compreender, por exemplo, a questão da cidade como uma espécie de imã que atrai pessoas, a vivência em sociedade de maneira coletiva e a questão do vivido atrelado a afetividade e a intimidade.

Foi possível perceber também, neste estudo sobre cidades e história, que nas caminhadas pelas urbes os nossos corpos possuem um jeito único de caminhar, logo as percepções são subjetivas, pois, enquanto do alto pode-se perceber tudo e todos, quando se está imerso na multidão, a visão torna-se limitada.

Por fim, compreendemos que as cidades são fragmentadas e articuladas, ou seja, cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que sua intensidade seja variável e o centro funcione como o núcleo de toda essa articulação.

---

<sup>12</sup> FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: potencialidade e possibilidades*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 91

<sup>13</sup> ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, n. 203), 1995.

<sup>14</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 169-191.

<sup>16</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4 Ed. São Paulo; Ática, 2000.

Em relação à temática memória, utilizamos os autores: Jeane Gagnebin<sup>17</sup>, Jacy Seixas<sup>18</sup>, Márcio Silva<sup>19</sup>, Maurice Halbwachs,<sup>20</sup> Michael Pollack<sup>21</sup>, Paul Ricoeur<sup>22</sup>, Ecléa Bosi<sup>23</sup> e Francisco Nascimento<sup>24</sup>. Cada um deles, de maneira singular, nos ajudou a compreender a relação que há entre a história e a memória e como podemos e devemos trazer essas discussões cada vez mais para o âmbito da historiografia. No decorrer do texto essas discussões ficarão mais claras quando relacionadas com o nosso objeto de estudo.

Acerca da temática sensibilidades urbanas, utilizamos Sandra Pesavento<sup>25</sup>, Alain Corbin<sup>26</sup>, Milena Kanashiro<sup>27</sup>, Palmira Ribeiro e Nadja Santos<sup>28</sup>. Estes nos permitiram perceber a construção de sensibilidades entre os sujeitos e o espaço urbano, olhar a cidade para além de sua concretude e nos fizeram entender que através do olfato podemos pressentir a desintegração de si mesmo e do outro, pois este é o sentido que está diretamente e biologicamente relacionado à memória.

Assim, cientes de que os estilhaços do passado picoense estão por aí, nos sujeitos e odores, os quais a cidade traz consigo, seguimos atenciosos a nossa caminhada, observando as ações humanas caídas na sombra do esquecimento, refletindo e (re) construindo nossa narrativa sobre essa urbe. Narrativa esta que aborda o espaço urbano e analisa as experiências vividas no mesmo, através das percepções sensoriais de sua gente, levando em consideração o diálogo de diferentes fontes históricas com a vasta bibliografia de autores, que discutem as

---

<sup>17</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Após Auschwitz” e “O que significa elaborar o passado, In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

<sup>18</sup> SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: NAXARA, M; BRESCIANI, S. (Org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

<sup>19</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *PSIC. CLIN*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

<sup>20</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP: Centauro, 2006, p. 17-23; 71-111.

<sup>21</sup> POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v.02, n. 03, 1989, p. 3-15.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 25-70.

<sup>23</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

<sup>24</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. *Revista História Oral*, n. 5, 2002.

<sup>25</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira História*, v. 27, n. 53, 2007.

<sup>26</sup> CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>27</sup> KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. *Revista Desenvolvimento e meio ambiente*, v.7, n. 7, 2003.

<sup>28</sup> RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro; SANTOS, Nadja Paraense dos. *O olfato como objeto da história: a estética dos cheiros*. Campina Grande: Anais do SBHC, 2018.

temáticas fundamentais elencadas e que nos permitem avançar e recuar temporalmente, quando necessário.

Portanto, sigais-vos atentos as nossas discussões e interpretações.

### **As lembranças de um povo acerca da sua urbe**

Segundo a arquiteta e urbanista brasileira Milena Kanashiro<sup>29</sup>, as lembranças mais tenazes que guardamos dos lugares estão associadas aos odores dos quais eles são portadores. Partindo primeiramente desta concepção, observamos que alguns espaços da cidade de Picos nas décadas de 1980 e 1990, são lembrados a partir do cheiro de natureza pura, ainda que raro, mas que podia ser sentido, *versus* o cheiro fétido de esgoto, lixo e fumaça, típicos de um crescimento desordenado e necessitado de atenção pública.

O primeiro espaço que as nossas entrevistadas se recordaram foi a praça Josino Ferreira, situada no bairro Centro da cidade. Esta praça recebeu a referida denominação em homenagem ao picoense José Josino Ferreira que vivenciou o regime imperial brasileiro e assistiu aos primeiros anos da República, ele faleceu na década de 1930, após exercer as funções de tabelião, escrivão, deputado provincial, juiz, administrador e ser o primeiro promotor da cidade de Picos<sup>30</sup>.

Este espaço de sociabilidade, nas décadas de 1980 e 1990, era movimentado e reunia principalmente os jovens que estudavam no grupo escolar Coelho Rodrigues, primeira escola estadual do município, localizada onde atualmente é o museu Ozildo Albano<sup>31</sup>. Em suas adjacências também se situavam residências de pessoas populares na cidade e bares, entre eles o do conhecido Zé do Alho, que se destacava, na época, pela venda de bebidas e cigarros, o que favorecia ainda mais a circulação de pessoas naquela área.

Havia, portanto, nessa movimentação e, conseqüentemente, no ato de conhecer outras pessoas, o que denominamos de compartilhamento de referências sociais, ou seja, uma das

---

<sup>29</sup> KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. *Revista Desenvolvimento e meio ambiente*, v.7, n. 7, 2003.

<sup>30</sup> FERREIRA, José Josino. In: *Acervo e Memória Picoense*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/fotos>>. Acesso em: 20 de janeiro, 2019.

<sup>31</sup> A instalação do referido museu, que surge inicialmente com o nome de Museu João Borges Caminha, tendo como objetivo resguardar a memória da cidade, começou a ser pensada em 1984. Se tratava de uma iniciativa do picoense Ozildo Albano, na época diretor do Departamento de Cultura do Município, junto ao Ministério da Educação e Cultura -MEC e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE.

De acordo com o jornal Macambira, a prefeitura determinava que esse órgão deveria abrigar todas as peças, encontradas tipicamente em museus, além de todas as manifestações culturais da terra. Além disso, deveria ser aberto ao público, pois possuía uma grande variedade de objetos antigos, contava com aproximadamente 1.500 livros sobre os mais variados assuntos e haviam diversos quadros e imagens que acompanhavam 10 gerações da família Albano.



características de *lugar* para o antropólogo Marc Augé<sup>32</sup>. Além da vivência de múltiplas experiências, cada uma delas expressando suas singularidades.

A entrevistada Romana Maria de Carvalho Veloso, por exemplo, guarda em suas lembranças a imagem de um ambiente agradável que exalava cheiro de natureza pura, em virtude de suas belas e vastas vegetações que cresciam abundantemente, tornando-o mais aconchegante.

Tinha muita árvore, na praça tinha muita árvore, tinha até aquela.... Tinha até uma planta lá na Praça Josino Ferreira que chamava 'sete copas'. Achava lindo aquele pé de árvore porque ele ia crescendo e era uma copa aqui, crescia, aí aparecia outra copa, aí chamava sete copas<sup>33</sup>.

Em contrapartida, a senhora Maria Inês da Costa, quando questionada sobre o mesmo espaço, o caracterizou a partir do odor fétido que exalava em todo o seu entorno, associado a localização geográfica que se dava em uma área desprovida de saneamento básico. Segundo ela: “Geralmente tinha muito esgoto de céu aberto né, ali na [praça] Josino Ferreira, por ali, a gente morava perto do Correio e sempre tinha o esgoto a céu aberto”.<sup>34</sup>

Analisando ambas as falas das entrevistadas, percebemos que as lembranças em torno de um mesmo espaço e numa mesma época se destoam, pois Romana Maria de Carvalho Veloso descreve a praça a partir da leveza do ambiente, isto é, exalta um tipo de vegetação exclusivo daquele lugar, e Maria Inês da Costa já apresenta um aspecto que incomodava a população, inclusive ela própria. O historiador Francisco Nascimento<sup>35</sup> explica esse fato ressaltando que, ao buscarmos uma cidade guardada na memória de alguns sujeitos, é construída uma urbe que pertence a determinado momento, pois as imagens que cada um desses sujeitos guarda consigo são repletas de significados e lembranças.

Partindo desta premissa defendida pelo autor supracitado, notamos ainda que no primeiro fragmento da entrevista há uma certa seletividade da entrevistada ao se reportar a praça, enfatizando apenas um dos variados elementos que a compunha. Compreendemos que o ato de selecionar, guardar apenas o que lhe é útil consiste, segundo Maurice Halbwachs<sup>36</sup>, numa atividade natural, espontânea da memória coletiva. Memória esta, controlada pelos

---

<sup>32</sup> AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9 Ed. Campinas: Papius, 2012. p. 71-105.

<sup>33</sup> VELOSO, Romana Maria de Carvalho. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos-PI, 2019.

<sup>34</sup> COSTA, Maria Inês da. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos- PI, 2019.

<sup>35</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. *Revista História Oral*, n. 5, 2002.

<sup>36</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP: Centauro, 2006, p. 17-23; 71-111.

indivíduos, isto é, que parte de lembranças que decorrem do vivido, daquilo que é repassado de tradição em tradição.

Ainda na primeira entrevista, notamos pequenas falhas naquilo que é lembrando acerca da praça, pois percebemos que a entrevistada utiliza o termo “aquela” e silencia, depois retoma e fala da planta “sete copas”. Sobre essa vagueza que ela deixa transparecer no momento da entrevista, Pierre Nora<sup>37</sup> denomina de “fragilidade da memória”, uma vez que é típico das lembranças serem vagas e fortuitas, vulneráveis a usos e manipulações, além de serem múltiplas e uma construção individualizada.

Já no segundo fragmento, na entrevista com a senhora Maria Inês da Costa, notamos que esta testemunha a falta de saneamento básico da cidade, realidade vivida pela população picoense, durante as décadas de 1980 e 1990 e traz à tona uma lembrança espontânea, ou seja, ela retoma uma problemática passada e nos reatualiza sobre a mesma.

Este tipo de lembrança, para o escritor francês Marcel Proust<sup>38</sup>, é caracterizada pela afetividade e descontinuidade das experiências humanas que pende para a sensibilidade. Segundo ele, isso pode ser explicado por que a materialidade da memória aparece como algo que irrompe, ou seja, o passado que “retorna” de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado e reatualizado<sup>39</sup>.

Para além dessas lembranças, que ambas as entrevistadas trouxeram acerca de um espaço específico da cidade, observamos, através das notícias veiculadas nos jornais da época, as variadas denúncias como forma de manifestar o descontentamento diante da situação caótica que assolava a população. No final da década de 1990, por exemplo, o *Jornal de Picos* publicou em uma de suas páginas a seguinte matéria:

O pior ‘cartão de visitas’ de Picos está mesmo estampado em quase todas as ruas do centro da cidade: os esgotos a céu aberto.

Numa prova cabal de maior falta de higiene do universo, esses esgotos correm célere e abertamente pelos meio-fio de Picos, espalhando doenças de todos os tipos, pois eles são oriundos de fossas, pias, sanitários, banheiros, etc. e, em muitos trechos, ficam estagnados, aumentando ainda mais a incidência de enfermidades mil; prejudicando sensivelmente a saúde pública, sem que ninguém até hoje, tenha tomado a mínima providência a respeito, no sentido de banir, de uma vez pra sempre, esse desatino, essa irregularidade, essa vergonha nordestina, bem picoense.

Até mesmo na principal avenida da cidade – Av. Getúlio Vargas – esses esgotos a céu aberto fluem livremente ‘de ladeira abaixo’, juntando-se aos demais que

---

<sup>37</sup> Nora, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. **História**, São Paulo, 1993.

<sup>38</sup> PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1998.

<sup>39</sup> SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: NAXARA, M; BRESCIANI, S. (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

procedem de diferentes ruas centrais e suburbanas – como se fossem um riacho picoense.

O pior de tudo é que essa imundície que emortece o visual de uma cidade do porte de Picos vai direto para o rio Guaribas; e, como este passa a maior parte do ano seco, é justamente ali que todo o esgoto se acumula e fica completamente paralisado, aumentando dia-a-dia o foco de doenças transmissíveis como a cólera, a febre tifoide, o tifo e tantas outras.<sup>40</sup>

Analisando esta matéria jornalística, observamos que aquilo que mais incomodava e provocava insatisfação já não eram apenas os odores fétidos que classificavam a cidade como limpa ou desasseada, pois, isso segundo Palmira Ribeiro e Nadja Santos<sup>41</sup>, não mais cabe entre os modos do homem moderno, mas principalmente as doenças que as pessoas facilmente contraíam ao terem contato com o mesmo que tinha como principais remetentes as fossas, pias, sanitários e banheiros das residências, lojas, mercados, entre outros estabelecimentos.

Nesse sentido, notamos uma desatenção por parte do poder público municipal com a cidade de forma geral, pois, como bem destacado pelo noticiário, nem mesmo a principal avenida da cidade, isto é, a Avenida Getúlio Vargas, aquela que possuía o maior tráfego de transeuntes e veículos, escapava daquela desordem. Essa área, ao que dá a entender, era a mais crítica de todas, pois reunia os esgotos e dejetos vindos das demais ruas, formando, assim, uma espécie de riacho que depois escorria para o rio Guaribas, na época considerado o depósito de todos os entulhos produzidos nos diferentes espaços e estabelecimentos da cidade.

Ao se reportar a este rio a matéria enfatiza que, por passar boa parte do ano seco, enchia-se com aquela imundície e, conseqüentemente, contribuía para a proliferação de diversas doenças, as quais se destacavam: cólera, febre-tifoide e o tifo. Neste sentido, algumas críticas sociais eram feitas e veiculadas nos meios de comunicação picoenses com o intuito de mostrar a realidade e alertar os cidadãos sobre a falta de cuidados necessários para a preservação do mesmo.

O poeta de pseudônimo Pebinha escreveu à *Revista Foco*, em dezembro de 1990, mês que Picos completava cem anos de emancipação política, os seguintes versos:

Picos, cem anos na história  
O seu bonito Rio Guaribas  
Banha toda a cidade  
Água clara e gostosa

<sup>40</sup> JORNAL DE PICOS. *Esgotos a céu aberto*. Picos, n. 12, 07 de junho de 1999, p. 16.

<sup>41</sup> RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro; SANTOS, Nadja Paraense dos. *O olfato como objeto da história: a estética dos cheiros*. Campina Grande: Anais do SBHC, 2018.

De grande utilidade  
Hoje morre à míngua  
Por falta de humanidade  
O Guaribas produz alho,  
Feijão, arroz, banana,  
Batata, cebola, milho  
E doce cana caiana  
Favorece a pobreza  
Todos os dias da semana <sup>42</sup>

Observamos, a partir dessa memória que o poeta evoca, que se trata de um sujeito que não apenas observou o rio Guaribas, mas que vivenciou e desfrutou outrora dos bens que esse tinha a oferecer, mas, no momento em que fazia esta crítica, estava testemunhando o caos que afetava a ele próprio e incomodava a tantos outros cidadãos.

Neste sentido, a figura da testemunha merece destaque porque aparece, segundo Márcio Silva<sup>43</sup>, como necessidade absoluta, pois, segundo o referido autor, sem testemunha, evidentemente, não se constitui a figura da testemunha, logo o tempo passado é tempo presente. A memória, neste caso, também é interessante de ser respaldada, porque está sempre foi pensada como esse misto de verbalidade e imagens e nunca de forma isolada.

Com um discurso marcado por sua intencionalidade, o poeta de pseudônimo Pebinha não se reporta ao passado apenas por lembrar, numa espécie de culto ao passado, ele retoma ao que aquele rio representou um dia para os picosenses para alertá-los sobre os descuidos humanos que esse vinha sofrendo diariamente, resultando-no em um verdadeiro retrocesso para a própria cidade.

Acerca desta repetição, que há tanto na matéria jornalística anterior quanto no poema sobre a situação deplorável do rio Guaribas que, portanto, se resulta em um trauma para quem desfrutou dos diversos tipos de alimentos que este era responsável por produzir, a autora Jeane Gagnebin<sup>44</sup> explica que é próprio da experiência traumática essa impossibilidade de esquecimento, a insistência na repetição.

Assim, para nós historiadores do presente, articular historicamente esse passado da cidade de Picos, e em específico do seu principal curso de água, não significa conhecermos tal como ele propriamente foi um dia, mas significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo.

---

<sup>42</sup> PEBINHA. *Revista Foco*, 1990, p. 20.

<sup>43</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *PSIC. CLIN*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

<sup>44</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Após Auschwitz” e “O que significa elaborar o passado, In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

Ademais, em unissonância com esta realidade apresentada, observemos também o que disseram, sarcasticamente, dois médicos rondonistas ao se instalarem temporariamente em Picos, no ano de 1982:

Os bons compositores Sá e Guarabira já previam que o ‘Sertão vai virar mar’. Sempre imaginamos que isso não passava de uma música, até que um dia chegamos a esta cidade.

Que surpresa! As ruas estão alagadas, os esgotos estão sendo jorrados para todos verem e sentirem o odor que exala. Até que é uma boa, pelo menos dessa maneira, e somente assim, o pobre tem fartura de água. Para os porcos e bois não morrerem e, assim poder dar lucros aos seus donos.

Aliás, é um paradoxo, faltar água nas casas e sobram nas ruas, ou seja, é o retrato fiel de um povo onde as contradições fazem parte integrante e inseparável de nossas vidas. Os galeto de cor negra sobrevoam tranquilamente as casas e nas cumeeiras fazem a pousada ‘achando graça’ da situação que lhe é conveniente. Os vermes são distribuídos gratuitamente nos esgotos, que circulam nas ruas como se fosse o carrão do ano. A única diferença é que aqueles não pagam impostos.<sup>45</sup>

Com a fala de ambos os médicos rondonistas veiculada no jornal *Macambira*, notamos que nesse mesmo local, onde ora corria escancaradamente impurezas, os animais se apropriavam para saciarem sua sede, enquanto no espaço interno das residências faltava água potável para satisfazer as necessidades de seus moradores. Percebemos também que os urubus, cujos médicos se referiam como “galeto de cor negra”, compunham aquele cenário e faziam daquelas ruas os seus habitats, bem como os vermes que “desfilavam” diariamente e naturalmente por toda a urbe, prejudicando a sua gente.

Embora a matéria não deixe claro, supomos que ao adentrar o espaço urbano, certamente esses animais também faziam suas necessidades no local, o que acabava contribuindo para uma maior disseminação dos odores. Acerca dos cheiros de origem animal que perpetuam determinados ambientes, estes são respaldados pelas autoras Palmira Ribeiro e Nadja Santos como aromas condenados durante o século XVIII, pois esses aguçavam, por ressonância, a condição de bicho, isto é, o cheiro era uma questão também de civilidade e não necessariamente de saúde. Sendo assim:

Sentir cheiro de fezes e vísceras não cabia mais entre os modos do homem moderno, sendo necessário padronizar os odores, catalogar quais representariam limpeza, frescor ou beleza, tornando os odores animais e viscerais um universo fora da conduta esperada de um cidadão civilizado e com o seu lado farejador completamente mudo e domesticado.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> MACAMBIRA. *O sertão virou mar*. Picos, n. 90, 31 de julho de 1982.

<sup>46</sup> RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro; SANTOS, Nadja Paraense dos. *O olfato como objeto da história: a estética dos cheiros*. Campina Grande: Anais do SBHC, 2018, p. 4.

Compreendemos, nesta perspectiva, que os odores não sendo facilmente contidos, acabam transgredindo fronteiras e provocando horrores, pois é através desse sentido que se pressente a desintegração de si mesmo com o outro e funda-se uma nova relação entre o homem e o meio ao qual está inserido.<sup>47</sup>

No entanto, o nosso foco principal é apresentar e compreender as retumbantes discrepâncias que havia entre as leis que deveriam reger a cidade com a sua real face. Teoricamente, a Lei Municipal nº 1465, sancionada no dia 18 de junho de 1985, afirmava ser de responsabilidade da prefeitura a higienização das vias públicas e praças, cabendo aos moradores somente a limpeza das calçadas e sarjetas fronteiriças às suas residências ou estabelecimentos comerciais<sup>48</sup>, mas na prática observava-se recorrentemente, além do constrangimento provocado pelo odor, a geração de doenças e acidentes em virtude dos esgotos escancarados nas ruas da cidade.

Se nos atentarmos a última matéria jornalística apresentada, em que os médicos rondonistas denunciam a falta de atenção do poder público municipal para com a cidade, percebemos que a mesma data de três anos anteriores a elaboração do *Código de Posturas do Município*, momento este que os representantes municipais se dirigiam à imprensa para darem sua versão sobre as diversas denúncias recebidas.

O periódico *Macambira*, por exemplo, trouxe na edição nº 70, do dia 07 de outubro de 1980, a matéria *Picos em foco*, com as seguintes palavras proferidas pelo prefeito da época, o sr. Valdemar Rodrigues:

Da limpeza pública não nos temos descuidado, porque entendemos que uma cidade do porte de Picos merece oferecer melhor visual urbanístico aos seus filhos e visitantes. Milhares de metros quadrados estão sendo concluídos, mormente nas ruas periféricas aonde a lama sempre imperou às épocas chuvosas<sup>49</sup>.

Percebemos que este discurso de cuidado e preservação do visual da cidade ficava apenas no plano da utopia e era um dos meios utilizados pelos governantes para se autopromoverem publicamente, pois, como destacado na segunda denúncia, o problema não era sanado por parte das autoridades públicas e ia muito além da aparência física negativa era, sobretudo, questão de saúde.

---

<sup>47</sup> CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>48</sup> Essas determinações aparecem nos artigos 24 e 25, capítulo II, do Código de Posturas do Município de Picos, de 18 de junho de 1985, intitulado “Da Higiene das Vias Públicas”.

<sup>49</sup> MACAMBIRA. *Picos em foco*. Picos, n. 90, 31 de julho de 1982.

Os médicos rondonistas que vinham com o propósito de aplicar diferentes medidas preventivas na população, acabavam prescrevendo, na maioria das vezes, apenas vermífugos para combater as múltiplas doenças provocadas pelos helmintos presentes nas vias públicas, sobretudo em períodos chuvosos, nos quais misturavam-se as águas da chuva com as impurezas que escorriam pelas vielas.

Além das inúmeras moléstias que poderiam ser adquiridas facilmente, eram também comumente vistos e sofridos acidentes no simples ato de flunar pela cidade. Em entrevista para este trabalho, a senhora Maria Inês da Costa informou que, graciosa com um vestido que usava para ir à missa dominical, abodegou-se ao trafegar pela cidade e tropeçar em uma vala de água fétida e de cor preta que manava pelo seu trajeto, pois:

Naquele período ali, Picos todim [inteiro] era no esgoto né?! Às vezes você passava, pisava o pé no esgoto, sujava a roupa. Lembro uma vez que eu caí né?! Fui passar aí tinha uma pedra eu acabei metendo o pé dentro, tipo um bueiro. Então, os esgotos sempre foram a céu aberto, essa questão de saneamento, ela é muito nova. Num é de muito tempo atrás não.<sup>50</sup>

A fala da referida entrevistada, é clara em relação a inexistência de saneamento básico em todo o espaço urbano picoense nas décadas de 1980 e 1990, apesar de ser um período em que a cidade se expandia. Ela pontua que esse serviço de limpeza e manutenção das vias públicas se configura como um avanço recente o que, no entanto, discordamos, pois ao observarmos a realidade de determinadas zonas do espaço urbano atualmente, como é o caso da feira livre, situada na Praça Justino Luz, verificamos que alguns feirantes ainda são obrigados, vez ou outra, a conviver com situações indesejáveis.

Sobre essas continuidades vistas e sentidas até hoje, a senhora Edênia da Silva e Sousa relatou uma em particular a qual passou recentemente com o seu esposo, que também é autônomo e trabalha diariamente na praça supracitada:

Se eu te disser que aqui [Praça Justino Luz] não tem saneamento. Aqui quando estoura os canos lá do Banco do Brasil mesmo, todo ano estourava e eles tinham de 6 em 6 meses eu acho, secarem a caixa, tirar a água de lá. Eles soltavam a água aí vinha a podridão pra [para] cá. A gente ia denunciar. Primeiro conversava com o gerente, aí o gerente: mas tem um homem só pra [para] parte de manutenção, mas num [não] sei o que [...]. Aí é com a prefeitura. Aí Caçulo ia na prefeitura, a prefeitura dizia: não, aí é com o banco. Aí, num vai e vem quando tava [estava] conversando com a prefeitura, aí o rapaz foi e falou pra ele: ‘não, é o seguinte, é porque lá até hoje nunca fizeram saneamento’, lá não tem saneamento.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> COSTA, Maria Inês da. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos- PI, 2019.

<sup>51</sup> SOUSA, Edênia da Silva e. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos-PI, 2019.

A área que a entrevistada menciona engloba não somente a Praça Justino Luz, mas também parte da Praça Félix Pacheco. Sobre essa última zona da cidade em que o referido banco se situa, é importante destacar que, durante a década de 1980, o escoamento de dejetos oriundos do morro da Mariana processava-se de forma natural em várias direções e contaminava, sobretudo, as áreas vizinhas.

De acordo com uma matéria veiculada em 31/08/1981 pelo jornal *Macambira*, ao nível da encosta desse morro, o problema crescia aceleradamente e prejudicava a população pobre, carente e desassistida socialmente que ali residia, além de nas adjacências da escadaria, as canaletas de escoamento e as caixas de captação dos dejetos existentes funcionavam de maneira precária.<sup>52</sup>

Ainda em relação a referida matéria jornalística do dia 31/08/1981, que apresentava essas contradições entre o desenvolvimento da cidade e sua realidade social, sobretudo na área onde se observava um movimento bancário operante e um tráfego dinâmico e crescente, o jornal *Macambira* veiculou a seguinte “solução” apontada por um picoense:

[...] Somente através de uma política que coloque acima dos interesses partidários e individualismos o bem comum, é que os males poderão ser erradicados. Somente através da mobilização integrada da população picoense envolvendo todas as organizações comunitárias – igreja, associações, sindicatos, entidades culturais, sociais e filantrópicas – exigindo e participando na construção da infraestrutura sanitária de base, é que os picoenses terão as suas famílias protegidas dos flagelos das doenças. Uma política educacional sanitária permanente traduzida em teoria e ação, deve ser uma preocupação constante de todos os picoenses que amam o seu povo e sua terra. Elevar o padrão higiênico da comunidade global, notadamente da população mais marginalizada é um dever<sup>53</sup>.

Percebemos que além de apresentar esse problema coletivo, o sujeito, que preferiu não se identificar, [d]escreve possíveis medidas que o poder público municipal poderia adotar para livrar seus conterrâneos de muitas moléstias, bem como incentiva a população picoense a se unir juntamente às organizações comunitárias locais para assim terem uma maior força nessa luta, que deveria ser travada em prol dos direitos sociais de todos.

Porém, o que é mais interessante de observarmos, por trás desse descontentamento dos cidadãos, que procuravam os meios de comunicação para tornarem mais visíveis os problemas que lhes afligiam, é o contexto sócio-político da época. O início da década de 1980, no Brasil, período que observamos haver uma intensificação no número dessas denúncias, é fortemente marcado pelo adiamento das eleições que elegeriam novos

---

<sup>52</sup> MACAMBIRA. *Saneamento básico*. Picos, n. 73, 31 de agosto de 1981, p. 2.

<sup>53</sup> MACAMBIRA. *Saneamento básico*. Picos, n. 73, 31 de agosto de 1981, p.2.



representantes municipais. Os prefeitos, que haviam sido eleitos em 1976 e que deveriam ter seus mandatos encerrados quatro anos depois, de acordo a nova Emenda Constitucional elaborada em 1980, em meio a ditadura civil-militar, deveriam permanecer no poder por mais dois anos<sup>54</sup>.

Embora esse não seja o foco das nossas discussões, é interessante percebemos como a insatisfação que crescia fortemente entre a população picoense com esse problema estava atrelada ao prolongamento de uma gestão, que não se mostrava preocupada com a imagem da cidade e, tampouco, buscava atender aos anseios de sua gente.

### **A “cidade imã” se expande e com ela cresce o caos**

A cidade de Picos ainda na década de 1970 dava sinais que se expandiria, pois tornava-se atrativa aos olhos de empresas nacionais e estrangeiras, bem como do próprio governo brasileiro da época, o presidente Emílio Garrastazu Médice, que prometiam principalmente aos vários desempregados daquela urbe e da microrregião a esperança de dias melhores, ao passo em que gerariam um significável número de empregos.

O primeiro órgão de destaque que surge neste período é o 3º Batalhão de Engenharia e Construção Visconde da Parnaíba, transferido da cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, e instalado em Picos no dia 24 de maio de 1971. Esse batalhão fazia parte do Programa de Integração Nacional (PIN), cujo objetivo era integrar as regiões Norte e Nordeste ao restante do país, elaborado pelo então presidente, na época, membro do partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Sobre esse órgão, especificamente, não encontramos em nossas fontes nenhuma relação de sua chegada, em um bairro mais afastado do centro, alavancando o crescimento urbano com alterações na relação dos habitantes com o meio vivido. Diferentemente da Indústria Coelho, por exemplo, instalada no ano de 1975 nas imediações da Avenida Senador Helvídio Nunes, bairro Paraibinha, liderada pelo médico, político e industrial pernambucano Nilo de Sousa Coelho e considerada “a maior indústria têxtil do Piauí”.

Ao chegar à cidade, a referida indústria reacendeu em vários homens e mulheres de Picos e região a esperança de uma vida melhor, o que é reforçado principalmente no início dos anos de 1980, segundo informações extraídas do jornal *Macambira* que aborda a Indústria

---

<sup>54</sup> Para maiores informações acerca desse processo de adiamento das eleições municipais de 1980, acessar o endereço eletrônico: <<https://jus.com.br/artigos/81445/o-adiamento-das-eleicoes-municipais>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2020.

Coelho como a empresa responsável pela geração de aproximadamente 730 variados empregos. Estes incluíam a produção de tecidos de algodão, linhas, fios, macarrão, óleo, entre outras atividades, como a operação das máquinas importadas do Japão, Alemanha e Suíça, que faziam parte deste processo de tecelagem<sup>55</sup>.

Porém, o que mais nos chamou a atenção, nesse sentido, foi a poluição que crescia junto a esse pólo industrial e prejudicava os moradores dos bairros próximos, bem como os próprios funcionários. Como relembra a entrevistada Francisca de Sousa Feitosa, na época funcionária dessa empresa:

[...] eu sei que adoecia muita gente porque lá tinha muito pó. Lá trabalhava com algodão, umas máquinas assim que soltava muito pó mesmo e muita gente adoecia, principalmente o pessoal que trabalhava lá em determinados setores, como na parte da tecelagem, de fiação do algodão que tinha muito pó.<sup>56</sup>

Em unissonância com a lembrança da ex-funcionária da Indústria Coelho S/A, encontra-se a matéria intitulada, de cunho denunciativo, intitulada *Bairro Junco sofre com pó*, veiculada no jornal *Macambira*, no dia 31 de dezembro de 1982, a qual afirmava estar havendo no referido bairro um grande número de casos de doenças respiratórias, como tosse, pneumonia e alergias, decorrentes das impurezas que vinham junto ao algodão bruto. Vejamos o que diz um (a) denunciante, cujo nome não foi identificado:

O bairro Junco, além de enfrentar o problema da falta de um saneamento básico, depara há algum tempo com as consequências de um pó que é expelido durante todo o dia por uma chaminé das Indústrias Coelho S/A. Esse pó existe devido à alimentação das impurezas que vêm no algodão bruto. Acontece que esse pó, além de sujar as residências, traz uma série de doenças, como tosse, pneumonia e alergias. Os moradores circunvizinhos às Indústrias exigem uma solução imediata do problema, pois chegaram ao local primeiro [...] segundo o médico José Soares Filho, do Hospital Regional Justino Luz, isso deve ser resolvido imediatamente, pois pode causar sérios danos aos moradores [...] sob o ponto de vista do médico, José Soares Filho, ‘esse pó atingia a mucosa, causando danos pulmonares’. Explica ele que ‘na criança, a via respiratória é mais curta, sendo, portanto, mais atingida do que um adulto’. Afirma também que já atendeu duas crianças que foram vítimas desse pó, sendo que em uma delas o pó provocou uma pneumonia, enquanto que a outra contraiu apenas uma alergia.<sup>57</sup>

Observamos em ambas as fontes apresentadas que nesta “cidade subversiva”<sup>58</sup>, que estava se expandindo, o cotidiano tornava-se preocupante, principalmente aos médicos

---

<sup>55</sup> MACAMBIRA. *Picos tem a maior Indústria do Piauí*. Picos, n. 90, 31 julho de 1982, p. 5.

<sup>56</sup> FEITOSA. Francisca de Sousa. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos- PI, 2019.

<sup>57</sup> MACAMBIRA. *Bairro Junco sofre com pó*. Picos, n. 95, 31 de dezembro de 1982, p. 4.

<sup>58</sup> Termo utilizado em referências às subversões a lei por parte dos próprios representantes municipais da época, que em tese afirmavam estarem cuidando do espaço a qual tinham sido eleitos para governarem, mas na prática faziam o contrário.

plantonistas do hospital público da cidade, Hospital Regional Justino Luz, que frequentemente relatavam o atendimento de casos associados a esse pó, expelido pelas chaminés da indústria e inalados principalmente pelas crianças, pois ele se espalhava nos bairros vizinhos em decorrência da ausência de recipientes que canalizassem esses detritos.

Em contraposição ao cheiro do pó de algodão, que se apresentava como uma consequência do desenvolvimento urbano, observamos que se sentia fortemente também o cheiro de fumaça, ao trafegar pelas ruas da cidade, em decorrência dos lixos queimados em muros ou terrenos baldios pelos moradores que, mesmo conscientes de que estavam cometendo uma “infração”<sup>59</sup>, preferiam incinerá-los a ter que conviver com esses dejetos, pois estes acreditavam que futuramente lhes trariam maiores problemas.

### **Considerações Finais**

Ao fazermos uma cartografia olfativa da cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990, através de uma flanerie no tempo, levando-se em consideração o diálogo entre o discurso dos médicos visitantes do hospital Regional Justino Luz, os depoimentos orais concedidos por moradores da cidade e demais matérias jornalísticas extraídas dos jornais *Macambira* e *Jornal de Picos*, percebemos que eram variados os odores respirados naquela urbe atribuídos a falta de cuidados por parte do poder público municipal. Este que, com um discurso político muito forte, driblava sua gente e escapava das denúncias sofridas. A utopia prevalecia sobre a esperança de dias melhores e como consequência, tudo isso acabou contribuindo negativamente para a imagem que se construiu sobre a cidade e que permanece viva na memória de sua gente quando interrogada sobre o passado da mesma.

Nesta tentativa de retratar a urbe Picos sob esse prisma, no recorte temporal que compreende as décadas de 1980 e 1990, no qual buscamos socializar na lembrança aquilo que não mais podemos observar, dando a ver uma ausência e fazendo falar o silêncio, nos defrontamos como desafio de compreender essa cidade, que mais se parece como um palimpsesto e que precisa ser decifrada, sob um prisma ainda pouco abordado do ponto de vista da historiografia local.

Por fim, na articulação que buscamos fazer neste trabalho entre a História e a Memória, é interessante percebermos ainda que, levar em consideração as experiências

---

<sup>59</sup> Utilizamos o termo “infração” porque de acordo com a Lei Municipal de 1985, era devidamente proibida a queima de lixos de qualquer natureza em residências ou terrenos na zona urbana da cidade, mas na prática não disponibilizava um transporte para levar esses dejetos a um lugar apropriado para a incineração.

vividas pelos sujeitos em um determinado período é, sobretudo, uma valorização da oralidade como fonte histórica, pois sabemos que, por muito tempo, perdurou-se a ideia entre os positivistas e neo-positivistas de que documentos eram [encontrados] somente [n]os grandes arquivos ou [em] bibliotecas.

### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9 Ed. Campinas: Papyrus, 2012. p. 71-105.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 17-20.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 51-59.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 169-191.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4 Ed. São Paulo; Ática, 2000.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Após Auschwitz” e “O que significa elaborar o passado, In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. SP: Centauro, 2006, p. 17-23; 71-111.

JOSINO Ferreira. Biografia. In: *Acervo e Memória Picoense*. Facebook, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense>>. Acesso em: 15 agos. 2019.

KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. *Revista Desenvolvimento e meio ambiente*, v.7, n. 7, 2003.

MEIHY, José Carlos. S.B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. *Revista História Oral*, n. 5, 2002.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. **História**, São Paulo, 1993.

NERES, Thiago Tavares das; SOBRAL, Gustavo Leite. Os sentidos da cidade. *Revista Verso & Reverso*, v. 33, n. 82, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira História*, v. 27, n. 53, 2007.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1998.

RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro; SANTOS, Nadja Paraense dos. *O olfato como objeto da história: a estética dos cheiros*. Campina Grande: Anais do SBHC, 2018.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 25-70.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, n. 203), 1995.

RODRIGUES, Marly A *década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças*. São Paulo: Àtica, 2003.

SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: NAXARA, M; BRESCIANI, S. (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *PSIC. CLIN*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

## Fontes

PICOS. *Código de Posturas Municipal*. Da higiene das habitações. Capítulo III, Artº 33. Picos, 1985, p. 7.

COSTA, Maria Inês da. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos- PI, 2019.

FEITOSA. Francisca de Sousa. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos- PI, 2019.

SOUSA, Edênia da Silva e. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos-PI, 2019.

VELOSO, Romana Maria de Carvalho. Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa. Picos-PI, 2019.

JORNAL DE PICOS. *Esgotos a céu aberto*. Picos, n. 12, 07 de junho. 1999, p. 16.

MACAMBIRA. *Saneamento básico*. Picos, n. 73, 31 de agosto de 1981, p. 2.

MACAMBIRA. *Fábrica em Picos*. Picos Ano IV, n. 84, 31 janeiro de 1982. p 6.

MACAMBIRA. *Picos tem a maior Indústria do Piauí*. Picos, n. 90, 31 julho de 1982, p. 5.

MACAMBIRA. *O sertão virou mar*. Picos, n. 90, 31 julho de 1982.

MACAMBIRA, *Bairro Junco sofre com pó*. Picos, n. 95, 1982, p. 4.

---

Recebido: 14 de junho de 2021

Aprovado: 15 de outubro de 2021